

A Cultura na visão de Zigmunt Bauman

The culture on Bauman's view

BAUMAN, Zigmunt. **A cultura no mundo líquido moderno.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Bruno Thebaldi

Doutorando em Comunicação pelo PPGCOM/Puc-Rio, Mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UFF e Bacharel em Estudos de Mídia, pela UFF.

E-mail: bthebaldi@id.uff.br.

SUBMETIDO EM: 17/05/2015

ACEITO EM: 07/08/2015

RESENHA

RESUMO

No livro *A Cultura no Mundo Líquido Moderno*, Zygmunt Bauman retoma alguns de seus conceitos mais famosos, como a noção de “modernidade líquida”, para discutir as transformações sociais observadas especificamente no campo da cultura, desde seu advento moderno (dentro do contexto do Iluminismo) até alcançar nossos dias (século XXI). Segundo Bauman, entre esses dois momentos históricos houve uma mudança fundamental na acepção de cultura: de um importante instrumento de formação de uma “condição humana universal”, fator essencial à consolidação dos Estados-Nação, a um poderoso mecanismo de distinção social e de formação de consumidores.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Modernidade líquida; Iluminismo; Consumo; Distinção.

ABSTRACT

In *Culture in a Liquid Modern World*, Zygmunt Bauman retakes some of his most concepts, such as the expression “liquid modernity”, to discuss some social transformations specifically observed in the sphere of “culture”, from its modern advent (within the Enlightenment context) to present days (XXI century). In according to Bauman, between these two historic moments there was a fundamental change in the meaning of “culture”: from an important tool of forming an “universal human condition”, an essential factor for the Nation-States consolidation, to a powerful mechanism of social distinction and training consumers.

KEYWORDS: Culture; Liquid modernity ; Enlightenment; Consumption; Distinction.

No livro *A Cultura no mundo líquido moderno*, o sociólogo de origem polonesa Zygmunt Bauman investiga os deslizamentos semânticos que o conceito de cultura atravessou ao longo dos séculos, desde sua concepção moderna até o presente. Na verdade, faz-se jus reconhecer que essa é uma discussão que permeia praticamente toda a obra de Bauman, tendo a mesma já figurado em outros trabalhos do pensador, como, dentre outros, *O Mal-estar da Pós-modernidade*, lançado originalmente em 1997. Nesse livro, Bauman trata a noção de cultura como uma “fábrica de ordem”, isto é, uma espécie de dispositivo antialeatoriedade que visa o estabelecimento e manutenção da ordem social por meio da transmissão e fixação de valores, sobretudo através das instituições sociais, como a escola.

No entanto, apesar de discutir frequentemente sobre seu significado, foi somente em *A Cultura no mundo líquido moderno* que a noção de cultura foi alçada a ocupar o centro do debate em um dos seus muitos ensaios. Para tanto, sem abdicar de sua característica visão crítica e aguda do mundo, Bauman coteja dois distintos momentos históricos: (a) o Iluminismo e (b) o recorte temporal composto desde a segunda metade do século XX até o presente.

Inicialmente, Bauman aponta que o vocábulo cultura, como termo moderno, surgiu na época do Iluminismo, na França, está associado principalmente com a promoção do aprendizado - a “suavização” e “melhora” das maneiras e tratos sociais e o “refinamento” dos gostos. Sob a bandeira iluminista a cultura era interpretada tal qual uma “missão proselitista” pelas classes instruídas, categoria, consoante o autor, composta por pessoas que adotaram para si mesmas a tarefa de “educar” ao povo com um tipo de conhecimento que deveria ser alcançado por todos.

A cultura ocupava uma credencial indispensável no “projeto ilustrado”: uma ferramenta básica e fundamental à construção dos Estados Nação, à formação dos elementos nacionais - dos cidadãos do Estado Moderno - e à consolidação da nova ordem, distinta da organização social típica do *Ancien Régime*, a esta altura considerada arcaica. Assim, por meio da transmissão da cultura, os “ilustrados” atuavam de maneira a “educar” aos “menos instruídos” com a finalidade de compor uma “totalidade integrada” de costumes e valores (idioma, história e calendário comuns, bem como rituais comemorativos únicos), de forma que aquilo que escapasse desse modelo de cultura nacional “comum a todos” deveria ser visto como um “localismo”: um contraponto de “atraso” em relação ao “progresso”.

Por conseguinte, a cultura servia como um agente de transformação social, através da qual se acreditava ser possível alcançar, em cada Estado, uma “condição humana universal”. Não por acaso é comum apodar essa corrente de “teoria evolucionista da cultura”.

Foi somente entre as décadas de 1960 e 1970 que, segundo Bauman, teria ocorrido o primeiro importante câmbio semântico na noção de cultura. Para demonstrá-lo, o autor recorre aos questionamentos e investigações sobre conceito de distinção apresentados pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu.

Bourdieu (2011) alega que em meados do século XX a cultura teria se afastado do ideal que a teria acompanhado durante a influência do Iluminismo. Para ele, os “instruídos” estavam substituindo sua antiga “missão proselitista” pela “tarefa” de separar aquilo a ser considerado como “bom” ou “mau” gosto, “refinado” ou “vulgar” - tarefa cuja partici-

pação era banida a todos os que não fossem considerados “educados” o bastante para d’ela fazer parte. Bourdieu evidencia que, nesse momento, em vez de buscar estabelecer uma “condição humana universal”, a cultura atuaria como um aparato de reforço das diferenças e hierarquias sociais. Logo, a cultura teria sido convertida em um dos mais privilegiados mecanismos de distinção social.

Já no século XXI, e ainda sob o signo da distinção, Bauman assinala a imersão da cultura nas lógicas de mercado da globalização. Se na fase do Iluminismo, período ao qual se refere como “modernidade sólida” (exatamente porque, para o pensador, os valores conservavam algo de estável ou permanente em sua constituição) a cultura tinha como propósito formar cidadãos para os nascentes Estados Nação, hoje, sem embargo, a cultura miraria a formação de indivíduos não necessariamente “instruídos” ou “esclarecidos”, e sim consumidores.

No mundo caracterizado por constante aceleração e transformação – “líquido”, para usar o termo tão caro a Bauman -, a cultura torna-se um dispositivo de sedução dos sujeitos, objetivando criar desejos e respectivas promessas de satisfação - sem, porém, saciá-las de fato. Todavia, de acordo com Bauman, a valorização das práticas de consumo vem produzindo câmbios nas formas de exercer a cidadania e de construir as identidades. Por efeito, atravessaríamos um movimento de embaralhamento entre as categorias ideais de cidadão e consumidor, de maneira que os indivíduos estariam sendo apreciados mais por seu potencial de consumo. Isto é, mais valorados como consumidores do que enquanto cidadãos.

Outro importante efeito da globalização, segundo Bauman, é a fragilização dos Estados Nação. Pois, em decorrência da disseminação do poder econômico mundialmente, observamos, segundo Bauman, Estados cada vez mais enfraquecidos diante de questões que não são mais específicas do território, e sim globais. Como tentativa de contornar tais dilemas, Bauman salienta que os Estados tem adotado sistemáticas políticas de flexibilização e desregulamentação, cedendo controle às “forças do mercado”. Porém, se a intenção é fortalecer os Estados tais medidas apresentam, na verdade, implicação inversa, enfraquecendo-os ainda mais, além de incrementarem a sensação de insegurança e acentuarem a volubilidade dos valores e dos relacionamentos sociais.

Bauman defende que a atual acepção de cultura instiga o movimento de mudança, a diminuição do tempo de aquisição, de câmbio e descarte. Eis uma cultura caracterizada por valores incitados pela moda. Ao mesmo tempo, os indivíduos se acercam, cada vez mais, à figura de corredores, participantes de uma maratona na qual buscam não uma linha de chegada (a satisfação dos desejos), mas uma pista que jamais se encerra. Pois, nesse jogo, o mais interessante é manter-se à procura das novidades lançadas pelo mercado, fugindo, a todo custo, da obsolescência. E para isso, faz-se necessário acompanhar o ritmo de transformações cada vez mais apressadas e intensas. Do contrário, o indivíduo se verá para trás, mirando aos demais ultrapassá-lo nesta desenfreada disputa aparentemente sem fim.

E mais: nessa “cultura moda” da “modernidade líquida”, não só as mercadorias e aquisições, mas a própria identidade dos sujeitos é “convidada” (para não dizer compelida) a eternamente se ajustar às mutações das tendências em voga. Não em vão, Bauman apelida esse modelo de identidade a ser seguido e almejado de “camaleão”, justamente por instar a uma incondicional “aptidão ao câmbio”. Para consegui-lo, os indi-

víduos, novamente, podem contar com o “precioso auxílio” dos diferentes produtos disponíveis nas várias prateleiras dos diversos santuários de consumo.

Bauman ainda adverte que se no Iluminismo havia a visão de uma cultura “única” ou “universal”, a ser partilhada entre os membros nacionais, hoje presenciamos o advento de culturas, sob o signo do multiculturalismo. Sem embargo, o pensador acusa o termo de, na realidade, representar a “indiferença à diferença”. Ou seja, de ser uma escusa que justificaria as privações sociais observadas entre as culturas, entendendo, por exemplo, a desigualdade social como resultado da multiplicidade em termo de escolhas.

Por fim, em um mundo tão dessemelhante e instável, Bauman enxerga na opção de refugiar-se em comunidades uma das saídas que os indivíduos projetam esta busca pela sensação de segurança. Entretanto, o autor alerta que os guetos não solucionam o problema da escassez de segurança, podendo até acentuá-lo. Para o pensador, se a intenção é restaurar o sentimento de segurança, a convivência com a diferença - conhecendo o outro e a sua cultura - mostrar-se-ia mais eficaz do que a exclusão e o isolamento, auxiliando a tecer, pela coexistência, aquilo que nomeia de multicomunitarismo. Ou seja, para Bauman somente o intercâmbio mútuo entre as diferentes culturas pode fazer com que logremos o alcance de uma “humanidade comum”.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zigmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2011.